

O TANQUE DE AREIA

Ilan Brenman



© Lucía Serrano

Resenha

Em quanta coisa um grupo de crianças pode se transformar dentro de um tanque de areia! Podem se tornar cozinheiros de iguarias arenosas, engenheiros de edificações de muitos andares, exploradores de túneis secretos. Podem tornar-se botânicos investigando o comportamento de plantas na areia, jogar baldes d'água uns nos outros como se fossem bombeiros, artesãos de esculturas sofisticadas. Podem despejar areia em seus caminhões de brinquedo, fazer objetos (e pessoas) desaparecerem em um passe de magia, ou mesmo ir atrás de pegadas como detetives. Quem disse que a areia não pode servir para criar inusitados penteados? Ou servir de objeto de investigação científica? Ou mesmo transformar um grupo de crianças em apetitosos croquetes empanados?

Em *O tanque de areia*, Ilan Brenman e Lucía Serrano se unem para criar uma obra singela e lúdica que se desdobra em um jogo de diferença e repetição. A frase inicial *As crianças passam horas lá dentro [do tanque de areia] e se transformam em...*: instaura a



Coordenação:
Maria José Nóbrega

dinâmica do livro: a cada página dupla, o texto apresenta uma nova possibilidade de jogo. O texto quase sempre indica uma “profissão” que as crianças passaram a exercer, enquanto a ilustração nos mostra de que maneira a areia pode ser manipulada para evocar o universo em questão. As ilustrações são fundamentais para que o jogo do livro se estabeleça – já que mostram um mesmo cenário e um mesmo grupo de personagens que aparece fazendo algo diferente a cada vez.



Depoimento

De Maria Fernanda Silva Pinto,
professora e mãe

“Mamãe! Esse livro é sobre o interior! Olha o tanque de areia da vovó aqui!”

Perto da casa da minha mãe, no interior de São Paulo, tem um tanque de areia. E as crianças passam horas lá dentro, exatamente como Ilan Brenman nos conta! Munidas de baldinhos, pás, gravetos e tudo mais que a imaginação alcançar, a criançada reunida vai criando uma infinidade de aventuras, tesouros de uma diversão simples e valiosa, assim como as ilustrações tão graciosas de Lucía Serrano.

O tanque de areia tornou-se um lugar de muito afeto para nós, pois foi lá, no interior, que Dandara brincou pela primeira vez com a diversidade e com o respeito. E foi lá que aprendi, no meu interior, o imenso valor dos espaços públicos da cidade.

A chegada na casa dos avós envolvia quase sempre o mesmo ritual: abraços apertados e beijinhos, um café para os adultos, biscoito de polvilho e outras gostosuras para os pequenos. Depois disso, bastava correr para a caixa de brinquedos, separar todos os apetrechos e ir até a praça. E assim era: uma bola de futebol corria longe, pipas disputavam o céu palmo a palmo, enquanto os pequenos iam se acomodando no tanque de areia.

O tanque era mesmo um lugar de encontros. Poucas crianças se conheciam previamente, mas todas tratavam logo de entrar na brincadeira. E foi assim que conhecemos Soninha.

“Mamãe, ela não anda?”

“Não, filha.”

“Mas ela brinca, né?”

“Sim! Vai lá levar um baldinho para ela!”

Em poucos minutos, todas as crianças brincavam juntas. Soube depois que a areia era a brincadeira favorita de Soninha, pois ali ela podia explorar seus movimentos sem a preocupação dos adultos. E ela experimentava mesmo! Era maravilhoso mirar aquela cena: meninos e meninas, brancas e pretas, todas tecendo amizades e envolvendo Soninha.

“Posso fazer carinho na sua perna?”

“Pode!”

“Olha, Soninha, eu trouxe essas conchinhas. Vamos fazer um bolo de mar?”

“Mãããe, posso pôr areia no cabelo, igual a Soninha?”

O final da brincadeira era sempre o mesmo: tomadas de alegria, as crianças todas viravam volumosos croquetes! E foi assim que me peguei pensando: será que existem tanques de areia também para os adultos?

Nas suas obras, Ilan Brenman nos lembra com frequência da importância do brincar livre, da simplicidade e generosidade que os pequenos carregam

consigo. Neste mundo tão tecnológico, tão mediado por incentivos consumistas e também por bolhas virtuais que reforçam a intolerância, relembrar aquilo que é simples, experimentar relações concretas com pessoas e espaços variados tornou-se mais importante do que nunca, justamente por seu potencial humanizador e fraterno.

Depois que terminamos a leitura, Dandara correu para a varanda e começou a juntar panelinhas, pás e toda sorte de potinhos. Preparou-os numa velha mochila, decidida de que precisávamos encontrar um tanque de areia também em nosso bairro. Foi então que entendi que essa história ainda vai ter muitos capítulos.



Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e

adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.



Leia Mais

Do mesmo autor e da mesma série

- ✦ *Hora do almoço*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A bolsa*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero

- ✦ *A casa sonolenta*, de Audrey Wood. São Paulo: Ática.
- ✦ *Pêssego, pera, ameixa no pomar*, de Ana Maria Machado. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Não quero ir para a cama*, de Julie Sykes. São Paulo: Ática.
- ✦ *A parte que falta*, de Shel Silverstein. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

